

Moema Parente Augel (Ed.), *Schwarze Poesie – Poesia Negra*, Edition Diá, St.Gallen / Köln, 1988, tradução para o alemão de Johannes Augel.

O critério de pele pode não parecer aconselhável para compor uma antologia poética. Sendo pouco provável que se faça um dia uma antologia de poesia branca, isto pode ser considerado um dos raros privilégios da raça negra. A legitimidade de toda denúncia contra uma injustiça social não impede, no entanto, que o amator de poesia aborde uma “coletânea de poesia negra” com certa circunspeção. Os problemas sociais, quando abstraídos em política, costumam deixar a musa dormindo e adormecer o leitor. Talvez apenas Brecht tenha conseguido se manter erguido nessa corda bamba. Literariamente, Não podemos concordar com 100% do *Canto General* de Pablo Neruda, para citar somente um exemplo. No caso de uma coletânea de poesia negra esperamos, portanto, qualquer encômio a Zumbi e a Palmares, além de todas as metáforas permitidas às palavras *negro, sangue e pele ...*

Não surpreendem, conseqüentemente, nesta coletânea, um certo número de poemas que evocam quilombos e outros temas históricos, dificilmente transformáveis em objetos líricos. E surpreendem um grande número de poemas que conseguem formular poeticamente uma busca de identidade, base de auto-estima. Vai como exemplo o poema *Vento*, da autoria de *Cuti* (Luiz Silva):

Vento

Vem da Africa
soprando a gente por todos os poros do mundo
Vem de lá
Vem do chão
do vulcão
na maré
esse vento de fé
Vem
Vem do calor uterino da terra...

estufa a vela negra...
 Não há calmaria.

Os troncos de açoite flutuam nas ondas dos fatos
 que o vento agita no prato cheio do século
 Vem do mar
 Vem no ar do olhar
 Vem no sol
 nos soltando
 em sustos adocicados e sorridentes
 das presas brasileiras do gavião
 das presas de ferro comum europeu

É um grito—corisco—constante que encontra
 descanso no sangue
 frescor nas palavras
 harmonia no corpo
 é o som na dança-de-roda dos planetas
 o brilho sorrido das estrelas em céu negrejando
 o cheiro do trabalho na cadência dos calos
 o sabor da vida a se construir na língua do futuro
 na conversa do tambor versificando os passos

O coração é um franco-atirador
 em respiração de maré cheia.

O poema peca, ao nosso modesto ver, de uma identificação, talvez um pouco fácil, da raça negra com as forças da natureza, as que se escondem no seio do continente africano, uma raça "ancestral" que, por sua antigüidade (o vulcão, o uterino), prevaleceria secretamente sobre as outras. E prevaleceria — subentende-se — sobre a branca. É, no entanto, um poema muito rico a nível dos sons e capaz de surpreender o leitor pela beleza (descanso no sangue / frescor nas palavras / harmonia no corpo).

Outros poemas chamam a atenção porque conseguem formular a problemática de uma maneira pessoal, a única possível de ser sentida. Cito o poema *Sentinela* de Paulo Colina.

Sentinela

Eram três
e era noite.

Eram três
e me cercaram.

Era noite
e seca a lâmina fina.

Três pivetes,
meninos sem nome.

Três afluentes do meu sangue.

Um dos problemas da poesia engajada é o de ter que falar em *nós*, quando a poesia pede um *eu*. Foi aqui superado maravilhosamente, de uma maneira que lembra *García Lorca*.

A tradução poética é problemática, como se sabe. A poesia já foi definida como sendo “o que se perde ao ser traduzido”. No caso deste livro, a tradução foi feita muito cuidadosamente. Isto não impede que o leitor lusófono se pergunte às vezes se o leitor germânico conseguirá desfrutar estes textos como textos literários.

No poema *Vento*, acima transcrito, o tradutor não teve outro jeito senão traduzir da seguinte forma:

Vem de lá
Vem do chão
do vulcão

por:

Kommt von dort
Kommt aus der Erde
aus dem Vulkan

Como se trata de uma edição bilíngüe, podemos esperar que a tradução funcionará como Ortega y Gasset queria: como

uma "ponte" que leve de uma língua à outra, nada mais que uma ajuda para ler o original.

Resta-me chamar a atenção para a excelente introdução de Moema Parente Augel, a organizadora do livro. Trinta páginas relatam a história do negro no Brasil e sua posição atual na sociedade brasileira. É notável o sentido crítico, sem muita condescendência, com que Moema Parente Augel comenta os poemas apresentados. Encerra o livro uma pequena bibliografia de cada autor da antologia.

Philippe Humblé

Universidade Federal de Santa Catarina

Hilário Franco Jr. *As Utopias Medievais*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

Quais as utopias que acompanharam o homem medieval? O autor nos indica várias: a da alternativa/a heresia; a da paz/o claustro; a da simplicidade/o bucolismo; a da igualdade jurídica/Robin Hood; a da autonomia/Guilherme Tell, que são apenas um início de abordagem e já apontam para o possível reconhecimento da nossa porção/medieval.

Incentivo à reflexão não falta à medida que participamos do enfoque das utopias mais marcantes, que ocupam os capítulos centrais do livro: a da abundância/ a Cocanha; a da justiça/ o Milênio; a do sexo/ a Androginia e a utopia-matriz/ o Paraíso.

O autor destaca inicialmente a preocupação do homem medieval com a constante ameaça da fome. A falta de uma agricultura planejada, as dificuldades de transporte entre uma região e outra, agravadas pela existência dos pedágios que o sistema feudal impunha, além do desconhecimento de métodos de conservação dos alimentos causavam periodicamente longos períodos de carestia, que atingiam principalmente as camadas mais pobres, mas não deixavam de afetar também os indivíduos das outras classes sociais. E a fome, quase uma